

CAIXA DE GUERRA FAZ FESTA: À luz do multiculturalismo, a trajetória de um dos instrumentos mais utilizados nas manifestações populares no Brasil.

CAIXA DE GUERRA MAKES A PARTY: In the light of multiculturalism, the trajectory of one of the most used instruments in popular demonstrations in Brazil.

Ivan da Silva Pereira Junior
Faculdade Unyleya

Resumo: o presente artigo nasceu a partir de um trabalho da disciplina Aproximação ao Ambiente Profissional 3 do curso de licenciatura em História da Faculdade Unyleya. A diretriz era que os alunos fizessem a relação de manifestação cultural brasileira com alguma das matérias do 4º período do curso. Ao deparar-me com a matéria História Medieval e observar uma imagem do pintor Rembrandt, reparei num detalhe no canto direito: um tocador de tambor. Foi o estopim para iniciar a pesquisa do tal tambor e sua ramificação ou aperfeiçoamento até se transformar num instrumento específico como o conhecemos hoje, a caixa. Ela é bastante utilizada em inúmeras manifestações populares nacionais. E por que caixa de guerra? O motivo foi justamente fazer a relação pedida nos enunciados da disciplina e revelar que uma coisa inicialmente forjada para funções de guerra, de auxílio nos campos de batalha, se transformou num item diametralmente oposto pelo qual foi criado. É a caixa que norteia a pulsação rítmica das festas populares, dos desfiles das escolas de samba. Criada para os cortejos em regiões conflagradas que levava os homens para morte, a caixa na contemporaneidade afasta a miséria e as mazelas através de seus toques, impulsionando corpos em direção ao êxtase e a alegria. A caixa de guerra faz é festa!

Palavras chave: multiculturalismo, carnaval, caixa, manifestações populares.

Abstract: The present article was born from a work of the discipline Approximation to the Professional Environment 3 of the degree course in History at Faculdade Unyleya. The guideline was for students to make a relationship of Brazilian cultural manifestation with some of the subjects of the 4th period of the course. When I came across the article Medieval History and looked at an image by the painter Rembrandt, I noticed a detail in the right corner: a drum player. It was the trigger to start the research on that drum and its ramification or improvement until it became a specific instrument as we know it today, the snare drum. It is widely used in numerous national popular demonstrations. And why war chest? The reason was precisely to make the list requested in the discipline's statements and reveal that something initially forged for war functions, of aid in battlefields, became a diametrically opposed item for which it was created. It is the box that guides the rhythmic pulse of popular festivals, of the samba school parades. Created for the processions in conflagrated regions that took men to death, the box in contemporary times removes misery and ills through its touches, propelling bodies towards ecstasy and joy. The caixa de guerra makes it's party!

Keywords: multiculturalism, carnival, snaredrum, popular demonstrations.

PEREIRA Jr., Ivan da Silva. Caixa de Guerra faz festa. Educação sem distância, Rio de Janeiro, n. 7, jun 2023.

1 INTRODUÇÃO

Os tambores formaram mais gente do que nossos olhares e ouvidos, acostumados apenas aos saberes normativos que se cristalizam nas pedagogias oficiais, imaginam.

Luiz Antonio Simas, 'O Corpo Encantado das Ruas'

Rufam-se os tambores! A sirene anuncia a entrada da escola de samba na Sapucaí. O público se agita. Da avenida colorida percute-se lufadas de ancestralidade e História. O coração bate e a bateria arrepia o couro e a pele de quem assiste. No ritual sagrado-profano do carnaval, que tem nos desfiles das escolas de samba e no carnaval de rua seu esplendor, um instrumento de percussão peculiar é a ponte de ligação entre um passado medieval e a contemporaneidade: a caixa.

Você pode estar pensando o que teria a ver o mundo do medievo, austero e profundamente religioso, com o carnaval, não é mesmo? Primeiramente, explico que o mote do presente texto foi estabelecer uma relação entre uma manifestação cultural, seja ela local, regional ou nacional, com alguma das disciplinas do 4º período do curso de Licenciatura em História da Faculdade Unyleya. O trabalho acadêmico alçou ares mais distintos, elegantes, quase uma fantasia luxuosa dos bailes de gala de outrora sem, no entanto, perder a essência do carnaval: alumiar o pensamento.

Adiante você verá a relação entre estes dois mundos, aparentemente tão distintos, e o elo que os une. Por hora, se faz necessário desenvolver o conceito no qual está inserido a gênese deste trabalho: o multiculturalismo.

2 MULTICULTURALISMO

A relação a qual pretendo desenvolver aqui pretende estabelecer conexões com os conceitos multidisciplinares do multiculturalismo e, como estudante de licenciatura, fiz um recorte abrangendo principalmente o campo da educação e de como o multiculturalismo interfere nela. O ponto de partida da análise diz respeito a forma como os currículos escolares negligenciam saberes, modos de ser, manifestações culturais, crenças e pertencimentos religiosos. Não acredito ser de menor valia se falar sobre a caixa, por exemplo, ou sobre o Maracatu, a Congada, a Folia de Reis e tantas outras expressões artísticas e folclóricas nacionais, pois são elementos da cultura brasileira que se comunicam diretamente com o sujeito social, o indivíduo ou um grupo, e que carregam inúmeras possibilidades de abordagens em sala de aula.

Não faz muito tempo a Academia torcia o nariz ao falar sobre as manifestações populares. Consideravam-na esteticamente sem valor artístico e educativo, talvez por seus membros terem sido durante muitos anos oriundos de uma classe social mais abastada, de elite, a qual tem como primado rejeitar tais manifestações, estereotipando-as e relegando-as a uma esfera inferior do que, na visão deles, seria cultura. Isso mudou a partir das ações afirmativas implementadas principalmente a partir deste século. Pessoas vindas de classes sociais menos favorecidas e de contato direto com as manifestações populares promoveram e intensificaram estudos cujo foco passou a ter como meta contar a história negligenciada; a história que os livros não contam, ou não contavam. A "História para ninar gente grande",

título do enredo que a escola de samba Mangueira levou para a avenida em 2019, é uma contundente crítica ao conteúdo historiográfico que nos foi contado durante décadas sempre com um viés eurocêntrico e etnocêntrico e que, hoje, se vê diante de um punhado de estudos, teses, livros, cujo protagonismo não são mais e somente os heróis emoldurados, mas, sim, as revoltas populares, as mulheres e os homens do povo.

*Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato*

(Trecho do samba enredo da Mangueira de 2019, composto por Manu da Cuíca, Tomaz Miranda, Deivid Domênico, Danilo Firmino, Silvio Mama, Ronie Oliveira e Márcio Bola. Com o enredo “História para Ninas Gente Grande”, a escola arrebatou o 20º título de campeã do carnaval.)

Isto posto, por que não levar a Estação de Primeira de Mangueira para dentro sala de aula? Junto com ela vai a história da formação urbana da cidade, dos movimentos migratórios que ajudam a entender a configuração das favelas, da construção de uma identidade social, da relação das manifestações populares como a Folia de Reis, por exemplo, que tinha no morro de Mangueira um de seus mais fecundos redutos, com as Festas de Reis realizadas na península ibérica na Idade Média. O multiculturalismo busca exatamente discutir e ajudar a responder essas questões, como a formulada no início deste parágrafo. O propósito é repensar as relações de poder entre culturas distintas e desconstruir uma história de perpetuação de preconceitos, de discriminações, e quebrar a hegemonia historicista de uma hierarquização cultural. Sendo assim, o multiculturalismo teria a imprescindível tarefa de transformar as relações sociais.

O que significa para os cidadãos com diferentes identidades culturais, muitas vezes baseadas em etnia, raça, gênero ou religião, reconhecer-nos como iguais na maneira como somos tratados na política? Na maneira como nossos filhos são educados em escolas públicas? No currículo e na política social das faculdades e universidades liberais? (Araújo, *pub* TAYLOR, s/data)

E por quais motivos nós não nos rebelamos, entendendo esse “nós” como os alunos em sala de aula ao não questionarem os cânones normativos ocidentais europeus com as quais os professores transmitem o conteúdo? Porque as manifestações culturais populares são atreladas sempre ao exótico, ao folclórico, como se isto estivesse, do ponta de vista acadêmico curricular, um degrau abaixo da cultura dita erudita, de elite? Para o professor e historiador Luiz Antônio Simas, “o problema é que somos educados não apenas para ignorar, mas para desprezar as culturas de síncope, aquelas que subvertem ritmos, rompem constâncias, acham soluções imprevisíveis e criam maneiras imaginativas de se preencher o vazio do som e da vida com corpos e cantos”.

O samba é uma cultura de síncope. Raros são os professores que utilizam essa cultura para explicar as nuances e conflitos de uma cidade como o Rio de Janeiro. O samba tem uma trajetória de resistência e negociação com o poder público e com o poder paralelo que

exerce influência em certas comunidades, justamente pela omissão do Estado. Através da história do Samba é possível entender os descaminhos que empurraram os homens, mulheres e crianças oriundas da diáspora africana e seus descendentes para debaixo do tapete da história. A reunião de grupos específicos dessas pessoas, separadas de suas famílias do outro lado do Atlântico, perdendo completamente a referência comunitária e sua ancestralidade, fizeram desses encontros a oportunidade da troca constante de saberes; de modos de reinventar a vida e reverenciar os mortos; de criar ritos e cultuar deuses; de exaltar o corpo como templo sagrado; de dançar e fazer festa não porque a vida é boa, mas justamente pelo sentido contrário. Para espantar a miséria, como disse certa vez o compositor da escola de samba Império Serrano Beto Sem Braço, só festa. E foram estas festas, estes encontros, que engendraram os terreiros das escolas de samba na primeira metade do século passado.

É sempre tempo de reconhecer e estudar as possibilidades didáticas que os atabaques tiveram na formação das crianças de terreiro e escolas de samba. (SIMAS, 2015)

Samba que tem um coração, a bateria. E que tem a caixa como um de seus principais instrumentos. É ela que dá constância rítmica ao conjunto de uma bateria, além de sustentar o andamento do samba. A caixa nada mais é que um tambor, e eles, os tambores, estão presentes desde as mais remotas civilizações. A caixa usada nas escolas de samba e em tantas outras vertentes da música popular, é uma variação de tambor que começou a tomar forma na Idade Média.

Chegamos, assim, ao ponto de descrever o item relacional que é o mote deste trabalho: estabelecer uma relação entre uma manifestação cultural, seja ela local, regional ou nacional, com alguma das disciplinas do 4º período do curso de Licenciatura em História da Faculdade Unyleya. A manifestação cultural é o samba e, mais precisamente, tendo o instrumento caixa clara ou caixa de guerra como objeto do estudo entre a contemporaneidade e a Idade Média, que faz parte da disciplina História Medieval.

3 O QUE É A CAIXA?

Instrumento usado nas escolas de samba e demais manifestações artísticas populares também chamado de caixa clara ou caixa de guerra. Este último nome diz respeito a associação deste tambor ao militarismo, conceito que será destrinchado mais adiante. A caixa é um tambor cilíndrico que faz parte do grupo dos instrumentos de percussão, podendo ser de metal ou madeira, e que possuem duas membranas: a superior, que é percutida, e a inferior, que entra em contato com a esteira. A esteira consiste em segmentos de arame espiralado ou tripa, esticados ao longo da membrana inferior. Quando a membrana superior é percutida, geralmente com baquetas duras, quase sempre de madeira, a esteira vibra contra a membrana inferior, produzindo um som claro, agudo. Essas membranas, também chamadas de peles, podem ser de origem animal ou sintética. Um detalhe interessante é que as caixas de guerra utilizadas nas escolas de samba têm uma esteira na pele de cima.

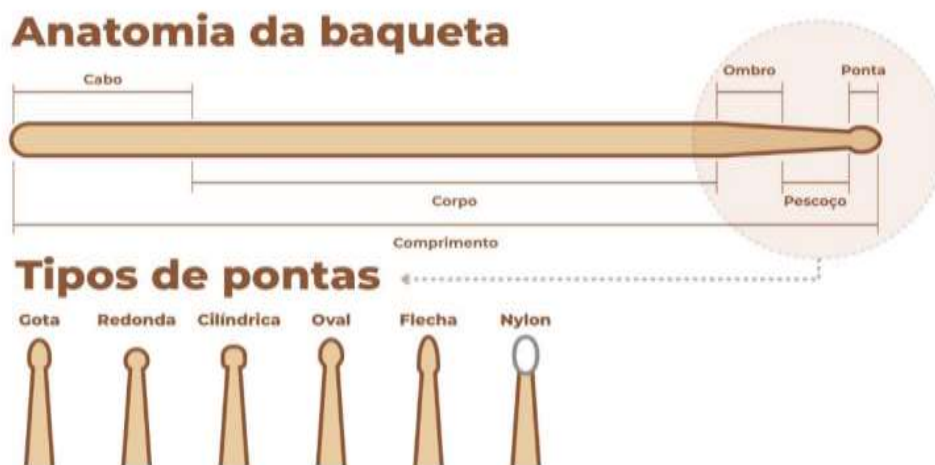
A Percussive Arts Society, associação de percussionistas, bateristas e educadores criada há mais de 60 anos no Estados Unidos, concebeu uma série de estudos que são básicos para a execução musical: os rudimentos. Dentre os mais de 40 rudimentos, os mais fundamentais para um bom desempenho e desenvolvimento da coordenação são o single

stroke roll (toque simples o qual cada mão percute a pele em sequência, uma de cada vez) e o double stroke roll (toque duplo onde cada mão faz dois toques simultâneos em sequência).

4 EXECUÇÃO

Para se executar os toques na caixa é preciso usar duas baquetas, geralmente de madeira ou pequenas escovas, também designadas por vassourinhas.

Figura 1 – Anatomia da baqueta



Fonte: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/jopdesign2021/38.pdf>

Percute-se a caixa promovendo o contato das baquetas ou das vassourinhas na pele. É possível obter sons diferentes utilizando técnicas de golpeio como o rim-shot, som produzido ao acionar a baqueta simultaneamente no aro e na pele, ampliando demasiadamente o volume; toque no aro, com a baqueta deitada na pele e a ponta encostando no aro, muito usado pelos bateristas para tocar o samba, por exemplo.

A caixa, assim como os demais instrumentos de percussão das baterias das escolas de samba, é suspensa pelo ritmista/percussionista à cintura através de um talabarte (alça) ou amparados por um dos braços na altura no ombro. Pode ser usada também por uma espécie de colete, o qual os ritmistas dos blocos de rua no Rio de Janeiro chamam de robocop, e cujo sistema de engate permite que a caixa fique fixa na altura da cintura horizontalmente. Quando utilizada na bateria, é montada sobre um pedestal, geralmente, em forma de tripé.

5 ORIGEM E HISTÓRIA

Como mencionado anteriormente, a origem da caixa como a conhecemos hoje, com duas membranas, esteira, remete à Idade Média. E a caixa, grosso modo, nada mais é que um tambor. Vale dizer que os tambores são instrumentos musicais presentes nas mais remotas civilizações humanas. Sua relação com as funções sociais de certas sociedades sempre esteve atrelada à rituais religiosos, solenidades e, quase sempre de forma inseparável, ao canto e à dança. Etimologicamente, existem alguns estudos que afirmam que a palavra tambor se origina do grego “tambu”, significando maravilha, uma sensação

de deslumbramento, encanto e fascínio. No entanto, outros estudos sugerem que a palavra deriva do Persa “danbara” e depois do francês antigo “tabour”. Fato é que os tambores também tem uma estreita associação com a guerra e com o militarismo.

A popularidade do tambor de membrana nas civilizações mais antigas é estabelecida por inúmeras representações do instrumento em monumentos e pinturas no Egito, Assíria, Índia e Pérsia. Este tambor se tornou indispensável na vida primitiva. Ainda é indispensável. Tirando poucas exceções, a maioria das tribos primitivas possuem tambores, mesmo quando eles não possuem nenhum outro instrumento musical. (...) A importância do tambor de membrana e sua influência na humanidade ao longo dos séculos é reconhecida universalmente. É um instrumento vital e um dos mais poderosos e significativos instrumentos da percussão. (BLADES, 1992, p. 49)

Foi através do militarismo que os tambores e as formas com que os músicos os tocam se desenvolveram, principalmente na Europa. Dentre estes tambores, a caixa foi o que teve mais destaque por sua afinação aguda, estridente, de fácil entendimento cujo ampliação do som alcançava longas distâncias. Ou seja, para um batalhão composto por milhares de pessoas e a necessidade de conduzi-los uniformemente, um naipe de caixas executava determinados toques em uníssono e assim os combatentes saberiam quais funções deveriam cumprir.

A forma de tambor mais usado na Europa Medieval era a caixa. Porém, suas formas e tamanhos variavam dependendo da região e da época. Este tambor já possuía duas membranas e um filete de esteira tensionada por cordas, podendo ser considerada uma espécie de “pedra fundamental”, de precursora das caixas com as quais nós conhecemos hoje. Na música folclórica do medievo sucedeu a figura do tocador de *pipe and tabor*, que consistia na execução de dois instrumentos por um único músico. O pipe era uma flauta na qual o músico utilizava apenas uma das mãos, e com a outra ele percutia o *tabor*. Este tipo de multi-instrumentista executava ritmos simples e invariáveis neste tambor.

Durante a idade média as dimensões do tabor cresceram, evoluindo para um instrumento denominado drom, e posteriormente, o side-drum. No final do século XVI o side-drum era presente em grupos denominados fife and drums, já sendo tocado apenas por uma pessoa, com duas baquetas. No detalhe da pintura ‘The Night Watch’ (A Ronda Noturna) de Rembrandt, percebe-se a esteira já posicionada na pele de resposta do tambor. Dois fatores foram determinantes no desenvolvimento da caixa resultando na atual sonoridade aguda e definida (gerada por uma maior tensão aplicada à sua pele): a diminuição das dimensões do tambor, e a substituição do mecanismo de tensão da pele (de cordas para parafusos). O tamanho da caixa sofreu uma série de mudanças indo do tamanho pequeno do tabor medieval, aumentando para proporções enormes no final do século XVI, e diminuindo drasticamente de tamanho ao final do século XVIII. “Em ‘L’Arlésienne’, Bizet escreveu para o ‘Tamburin’, um instrumento de tamanho similar ao tabor grande, e tocável com apenas uma baqueta. Esta instância marca o retorno do instrumento maior, popular em tempos anteriores. (BRAGA, 2011)

Figura 2 - Quadro do pintor holandês Rembrandt “A Ronda Noturna”, de 1642. À direita, vemos um tocador de caixa do medievo.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ronda_Noturna

6 O BRASIL E INÚMERAS MANEIRAS DE TOCAR CAIXA

Difícil encontrar uma manifestação popular e folclórica brasileira em que a caixa não esteja presente. Em alguns lugares é também chamada de tarol e, como vimos, caixa de guerra ou caixa clara. O que as diferenciam, em linhas gerais é a sua profundidade. O Tarol é mais estreito, fino, e, por isso, tem uma sonoridade mais aguda. A de guerra ou clara, mais grave.

E são várias as maneiras de tocar caixa, assim como existe a possibilidade de execução de inúmeros ritmos: samba e suas vertentes, marchinha, maracatu, frevo, ciranda, coco, folia de reis, marcha-rancho, maxixe, congada.

Vejamos, a seguir, como a caixa passou a fazer parte do conjunto da bateria de uma escola de samba.

7 A CAIXA NAS ESCOLAS DE SAMBA E NO CARNAVAL

Assim como na Idade Média, a caixa no Brasil também tem estreita ligação com o militarismo, mais precisamente devido a conjuntura histórica na qual ela foi inserida nas bandas marciais militares e, posteriormente, nas festividades populares, como as escolas de samba.

Essas características alusivas ao militarismo serviram, posteriormente, quase como uma exaltação aos órgãos repressivos, como um pedido de salvo conduto ou de clemência, já que o samba e tudo que envolveu sua origem foi duramente perseguido pelos órgãos de Estado. Entretanto, como o escopo é mostrar como a caixa de origem medieval chegou até

a Sapucaí e as ruas da cidade, não entrarei nos pormenores desta história, pois ela é longa e merece uma abordagem mais profunda.

Mas, é possível observar como a influência do militarismo esteve presente naquele momento, como em “tem marujo no samba”, sucesso do João de Barro, o Braguinha, no carnaval de 1949:

**CHEGOU A PRIMEIRA ESCOLA DE SAMBA
ESCOLA QUE NÃO TEM RIVAL
PELO SOM DA BATERIA
ATÉ PARECE O BATALHÃO NAVAL**

Apenas como curiosidade, até o desfile de 1935, “as baterias das escolas não eram um quesito passível de julgamento. A partir desse ano, juntamente com originalidade, harmonia e bandeira, passou a ser um elemento cujo júri atribuía-lhe notas pela execução no desfile. Foi neste ano também que ficou proibido a utilização de instrumentos de sopro”. (LOPES, SIMAS, 2015)

E por que as escolas de samba optaram por usar apenas instrumentos de percussão e de cordas, como o cavaquinho e o violão, em seus desfiles, como vemos até os dias de hoje? Segundo Luiz Antônio Simas e Nei Lopes, autores do Dicionário Social da História do Samba, “isso se deu porque os instrumentos de ritmo eram passíveis de fabrico caseiro, com barricas e pequenas caixas. Sobre elas, estendiam-se couros, que se esticavam em pequenas fogueiras de papel”. Ou seja, era possível de ser feito de forma caseira, sem nenhum tipo de industrialização e de baixo custo.

Durante boa parte dos anos de desfile as escolas levavam para a avenida enredos exaltando a História Oficial: Tiradentes, Descobrimento do Brasil, até exaltação aos feitos dos Governos militares pós 64 teve. Porém, “a afirmação procede se atentarmos apenas para a dramatização dos enredos e letras dos sambas. as baterias, todavia, diziam outra coisa, elaboravam outros relatos, perceptíveis para aqueles que conheciam as histórias que os tambores contavam”, conta Simas no livro *Corpo Encantado das Ruas*. E os tambores estavam e estão contando o quê?

O toque das caixas, na maioria das vezes, identifica as orquestras de percussão das agremiações e em vários casos fundamenta-se na batida dos deuses. O toque de Oxóssi (o aguerê) marca a bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, por exemplo. O Salgueiro, com as caixas posicionadas no alto, apresenta um toque mais próximo da levada do pandeiro do partido alto (característica também da Estácio e da Unidos da Tijuca). Os exemplos são variados e as diferenças, fascinantes. Quem apenas conhece a gramática das letras vai escutar um samba da Mocidade e identificar o enredo proposto. Quem aprendeu o tambor escutará a louvação aos orixás caçadores sintetizados nos mitos de Oxóssi e no toque do aguerê. O Toque de caixa da bateria da Mangueira é um manancial de referências capaz de amalgamar a pegada das caixas das folias de Reis – cortejos populares no morro da Mangueira, que saúdam os três reis magos do oriente no encerramento do ciclo das festas

do Natal – e o Ilú, toque consagrado a Oyá/Iansã, a senhora dos relâmpagos e ventanias, nas casas de candomblé. (SIMAS, 2019)

8 CURIOSIDADES

- Em fevereiro de 1963, o Maracanãzinho sediou o 1º torneio de baterias do Estado da Guanabara, vencido pelas baterias dos Acadêmicos do Salgueiro e da Flor do Lins (uma das escolas que deram origem à Lins Imperial). Os jurados foram Pixinguinha, Donga, Lúcio Rangel e Oswaldo Sargenteli, os quais certamente perceberam a identidade traduzida nas performances de cada um dos conjuntos.
- Em 1968, foi gravado o primeiro LP anual de samba enredo. Nesse disco, inseriram-se, como complemento aos sambas, faixas com o ritmo de cada uma das baterias gravadas ao vivo nos terreiros das escolas. Nesta gravação é possível perceber, com nitidez, as variações entre andamentos, cadências, levadas, timbres e afinações de cada uma das baterias. Com o tempo, essa identidade foi se perdendo e, mais recentemente, algumas agremiações resgataram a maneira singular e tradicional dos toques de sua respectiva escola. Ouça as faixas do disco de 1968: <https://www.youtube.com/watch?v=fWrt4rwpsaE>

9 CONCLUSÃO

A caixa é um instrumento importante e essencial para a música brasileira. Vimos como ela surgiu e se consolidou na Idade Média e chegou até o carnaval do Rio de Janeiro. Trajetória marcada pela influência do militarismo, mas que amalgamou os ritmos, sons, cores, maneiras de se viver e de se relacionar com o cotidiano no Brasil, forjando uma maneira única de se tocar o instrumento. Atualmente, uma escola de samba do grupo especial desfila com mais ou menos, dependendo de cada agremiação, 80 caixeiros. No carnaval de rua são incontáveis as pessoas que perambulam pela cidade carregando suas caixas atrás dos blocos.

Os instrumentos de percussão do samba, e a caixa em especial, podem ser um excepcional exemplo de como as culturas populares se mantiveram e se perpetuaram durante mais de um século mesmo sofrendo tanta perseguição e preconceito. Não fossem somente primordiais às nossas festas, lembrando que o povo faz festa no Brasil não é porque as condições de vida são excelentes, mas sim para amenizar os perrengues do cotidiano, os instrumentos alimentam a mente e o corpo de quem os executam e de quem fica à espera da próxima música.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Marcele Juliane Frossard. Infoescola. Origens do Multiculturalismo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/origens-do-multiculturalismo/> Acessado em 26 de junho de 2022.

BLADES, James. Percussion Instruments and their history. The Bold Strummer, Ltd. 1992.

CONCERTINO. Caixa Clara, 2016. Disponível em: https://concertino1.websiteseuro.com/index.php?option=com_content&view=article&id=5334#:~:text=Esse%20tambor%20C3%A9%20proveniente%20da,em%20contato%20com%20a%20esteira. Acessado em 26 de junho de 2022.

BRAGA, Tarcisio. A caixa clara na bateria: estudo de caso de performances dos bateristas zé Eduardo Nazário e Marcio Bahia. Disponível em: https://www.academia.edu/3074442/A_caixa_clara_na_bateria_Estudo_de_caso_de_performances_dos_bateristas_Z%C3%A9_Eduardo_Naz%C3%A9rio_e_Marcio_Bahia.

Dissertação de mestrado em música, UFMG, 2011.

LOPES, Nei. Simas, Luiz Antônio. O corpo encantando das ruas. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 2019.

LOPES, Nei. Simas, Luiz Antônio. Dicionário da história social do samba. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 2015.

OLIVEIRA, Ozerina Victor. MIRANDA, Cláudia. Multiculturalismo crítico, relações raciais e política curricular: a questão do hibridismo na Escola Sarã. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/sGdKwNLkCbjMGqqvgYsRSgL/?lang=pt.> Acessado em 27 de junho de 2022.

PERCUSSIONISTA. Caixa. Disponível em: <http://www.percussionista.com.br/instrumentos/caixa.html>. Acessado em 26 de junho de 2022.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS:

Figura 1. Anatomia da baqueta. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/jopdesign2021/38.pdf>. Acessado em 07 de dezembro de 2022.

Figura 2. Quadro do pintor holandês Rembrandt “A Ronda Noturna”, de 1642. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ronda_Noturna. Acessado em 07 de dezembro de 2022.